

QUALIDADE TOTAL DA EMPRESA À ESCOLA: a relação entre as experiências vividas na empresa e na escola pelos alunos estagiários do curso de Desenho de Projetos de Mecânica da Escola Técnica Estadual "Fernando Prestes"¹

Luiz Antonio Keritiaké²

QUANDO estabelecemos que, em nosso estudo, nos limitaríamos a identificar a relação entre as experiências vividas na empresa e na escola pelos alunos estagiários do curso de Desenho de Projetos de Mecânica da ETE "Fernando Prestes", sob os efeitos do movimento da Qualidade Total, queríamos caracterizar o perfil profissional da habilitação. Para tanto, tivemos que nos debruçar em embasamentos teóricos, apoiados nos princípios de alguns pioneiros da qualidade, para caracterizar a influência da Qualidade Total nas empresas e na escola e por extensão na formação profissional dos alunos em nível médio.

Abordando alguns fatores que vêm impulsionando as transformações no mundo e suas conseqüências, buscamos demonstrar alguns dos seus efeitos sobre a sociedade.

Apresentamos ainda neste trabalho um breve histórico da educação — educação profissional — no Brasil e as influências do empresariado nos rumos desta educação e buscamos conceituar educação de qualidade, assunto sempre em pauta, metas sempre ditas como prioritárias para o desenvolvimento nacional.

Ressaltamos que as constantes modificações sofridas pelas empresas para enfrentar a globalização e aumentar a competitividade têm como conseqüências um novo perfil empresarial, mesmo que diferenciado, em função do produto e do setor a ser considerado. As empresas estão preocupadas com "os métodos e técnicas relacionados à

1. Mestrado em Educação defendido em 05.04.1999 na Universidade de Sorocaba — UNISO.

2. Mestre em Educação pela UNISO. Professor do ETE "Fernando Prestes".

organização do processo de trabalho, controle e garantia da qualidade e planejamento e gestão”, destacando, “entre as práticas mais disseminadas (...) o planejamento das necessidades materiais, planejamento estratégico, a implantação de trabalho em grupo e a multifuncionalidade” (CNI/SENAI, 1998, não paginado), acarretando uma nova estrutura organizacional e conseqüentemente dificuldades para obter uma mão-de-obra que atenda estas novas exigências que se alteram em curto espaço de tempo.

Foi neste panorama buscamos refletir sobre o movimento da Qualidade Total na empresa e na escola. Na empresa, seu desenvolvimento ao longo dos anos e sua transposição para os centros de formação profissional/educacional. Na escola, nos conteúdos programáticos e na inclusão de disciplinas nos quadros curriculares do ensino técnico. Desta forma, nosso trabalho permitiu levantar informações ainda que restritas, em função do amplo espectro que abrange o assunto, que refletem as exigências vividas pelas empresas e o papel da escola no momento atual.

No passado o cidadão com seu diploma conseguia emprego em alguma empresa até com relativa facilidade, trabalhar não era complicado, pouco se exigia do funcionário, porque pensar era uma incumbência da chefia, tomar decisões era de competência do patrão e todos obedeciam. As exigências eram menores, esperava-se do funcionário assiduidade, pontualidade e que se colocasse de acordo. Falar inglês, ter conhecimento de informática eram coisas para poucos. Esta empresa tradicional acabou, este perfil de funcionário desejado já está ultrapassado. Nos últimos vinte anos, as empresas mudaram, o mundo do trabalho tornou-se mais competitivo. Muitas empresas instaladas no território nacional vivem uma fase de substituição dos braços humanos por braços mecânicos, os robôs. Demitem-se funcionários treinados para tarefas repetitivas em máquinas rudimentares e contrata-se pessoal com nível de escolaridade maior para operar equipamentos mais complexos.

Os empregados têm que se tornar tão flexíveis quanto as empresas. As exigências para a contratação de um funcionário dão uma visão do desejado hoje: “sem o primeiro grau completo está difícil arrumar emprego até na construção civil. Para funções de comando, só se qualifica quem tem formação universitária. O funcionário que não fala inglês não sobe de posto, (...) os ignorantes em informática não conseguem mais ser bons médicos, advogados, bibliotecários, secretárias ou vendedores de passagens aéreas. Num futuro muito próximo não conseguirão trabalho nem no caixa do supermercado” (SENAC-SP, 1998, p. 4-5.).

O novo empregado precisa saber trabalhar em equipe, ter iniciativa e não ser apenas um no grupo, ser capaz de absorver conhecimento das mais diversas experiências, estar sintonizado com as mudanças e exercer liderança; estes passam a ser os requisitos que abrangem todos os campos de trabalho.

Para atender tais requisitos existe a necessidade de romper com modelos clássicos de formação, superando o convencional, para que se possa alcançar os objetivos do ensino técnico. Para tanto, é necessário adotar novos processos de aquisição do saber que permitam fazer frente às mudanças econômicas, tecnológicas e sociais.

Os novos mercados econômicos e produtivos redefinem o perfil do profissional e as escolas técnicas através de suas habilitações devem ter “o propósito de desenvolver, em seus alunos, capacidades que os habilitem a absorver e produzir novos saberes,

assumir novas competências e ser capaz de lidar com as novas tecnologias e novos processos de gestão produtiva" (CEETEPS, 1998a, não paginado).

A formação profissional dentro deste contexto envolve discussão das novas habilidades requeridas e da nova base de conhecimento, e as respostas a estas exigências são complexas em razão da:

- velocidade com que novas tecnologias são implantadas no setor produtivo;
- assimilação, domínio e introdução dos novos conceitos no ensino técnico;
- formas heterogêneas por que cada empresa incorpora as transformações econômicas e tecnológicas no processo produtivo; e
- disponibilidade de recursos para o aparelhamento dos centros de formação.

Este elenco de desafios, embora pequeno, suscita uma série de questionamentos que Ferretti (1996, p. 232) aponta: "como deve se estruturar a formação profissional para enfrentar as necessidades postas pela flexibilização da economia e da produção e pela rapidez das mudanças? Não correrá o risco de, fixando-se em determinados aspectos mais gerais da formação, para atender, ao mesmo tempo, a uma variedade de demandas específicas sob a suposição de um substrato comum que as unifique, perder sua capacidade de oferecer exatamente o que se espera dela ou seja, formação específica? Ou, ao contrário, não correrá o risco de, buscando atender às especificidade, fragmentar-se numa série de capacitações em constante mutação? Como conciliar a heterogeneidade da demanda...? Como obter financiamento ...?"

Não se esgota aí o rol de questões. Através destas, é possível perceber a complexidade na estruturação, instalação e manutenção de um curso técnico que atenda às demandas do mercado e forme um cidadão crítico e capaz de modificar o meio no qual vive, optando "por caminhos, soluções e alternativas que valorizem a vida, a natureza, a saúde, a paz e a dignidade humana em todos os seus aspectos". (CEETPS, 1998, p.18).

O ensino técnico com raras exceções não vem respondendo as necessidades do novo perfil de qualificação de mão-de-obra. "As empresas demandam cada vez mais um pessoal operacional polivalente. Conhecimento de segurança do trabalho, controle de qualidade e capacidade de trabalho em equipe" (CEETPS, 1998b, p.18).

Em pesquisa realizada pelo CNI/SENAI, "as empresas dos mais variados setores foram unânimes em apontar para a necessidade de multifuncionalidade/polivalência (...), a crescente utilização de automação / informatização. (...). Em alguns setores, as ocupações voltadas para o atendimento aos clientes estão passando por modificações, refletindo as novas práticas de gestão da qualidade total" (CEETPS, 1998b, p.18).

O curso de Desenho de Projetos de Mecânica já está apontando nesta direção? Acreditamos que não. Embora, muito tenha sido feito, ainda há muito por fazer. Percebemos que há um esforço por parte das instituições ETE "Fernando Preste" e do Centro Estadual de Educação Tecnológica "Paula Souza", através dos seus corpo dirigente, professores e funcionários para garantir uma formação que leve o aluno a ser sujeito de sua própria história, "proporcionando o desenvolvimento de capacidades como a de: autonomia; autoconfiança; criticidade; criatividade; interação e integração

em equipes; adaptabilidade; organização e interlocução" (CEETEPS, 1998a, não paginada).

Esta também é uma das bandeira desfraldada pelo movimento da Qualidade Total, que quer a escola e o profissional formado por ela com "qualidades" para atuar dentro de padrões pré estabelecidos, agindo conforme rotinas e procedimentos escritos em um manual que dita as regras do funcionamento das organizações (empresas, escolas...), limitando toda a ação individual e coletiva.

Visto por este ângulo, a escola desempenha papel conservador e atua como agente de legitimação dentro da sociedade. "É na escola que as classes dominantes preparam as consciências através da inculcação ideológica, para que as classes trabalhadoras sirvam aos interesses do capital. (...) Se é na escola que a burguesia pretende formar consciência 'receptíveis a seus interesses', é também na escola que as classes subalternas constroem a consciência histórico-política, imprescindível à luta contra a dominação" (GARCIA, 1992, p. 18).

O modelo utilizado pela Qualidade Total está dentro de uma concepção da economia de mercado — a do tipo neoliberal —, que busca submeter tudo a critérios mercadológicos. A saída não é abominar tudo que esta aí, mas estabelecer limites e direcionamentos que levem a determinadas prioridades sociais. E o papel da escola como instituição e de seus educadores é estar continuamente avaliando e refletindo sobre a que interesses estão servindo. "Daí ser necessário que o contexto seja avaliado permanentemente em função dos resultados obtidos. É na reflexão coletiva sobre a prática pedagógica que será construída uma escola de qualidade" (GARCIA, 1992, p. 18).

A contínua atualização dos professores frente às novas tecnologias, o constante repensar nos currículos com a inclusão e ou supressão de conteúdos e a necessidade de registro do que realmente tem sido ensinado em sala de aula, são algumas das ações mobilizadoras para a definição do que é fundamental em cada área do conhecimento, constituindo-se em instrumentos de reflexão e ação, cuja eficácia é demonstrada na aprendizagem dos alunos — compreensão crítica da sociedade em que vivem e a inserção no mercado de trabalho.

Neste sentido, julgamos que as experiências que vivemos neste processo de investigação, possa ser uma contribuição para colegas professores, coordenadores e diretores, para o redimensionamento, ou mesmo, a ratificação de suas ações, na elaboração de objetivos, metas e diretrizes, dentro deste processo tão complexo que é o do ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA "PAULA SOUZA". *Proposta de implantação de ensino técnico as unidades do CEETEPS*. São Paulo: CEETPS, 1998a.
- CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA "PAULA SOUZA". *As propostas do CEETPS*. São Paulo: CEETPS, 1998b.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL — CNI/SENAI. *Modernização, emprego e qualificação profissional*. Rio de Janeiro, 1998.

- FERRETTI, C. J. et alii (orgs.) *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GARCIA, R. L.. Especialistas em Educação, os mais novos responsáveis pelo fracasso escolar. In ALVES, N. e GARCIA, R. L.. (orgs.) *O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais*. São Paulo: Loyola, 1992.
- SENAC — SP. *A revolução que liquidou o emprego. Programa de Educação para o trabalho*. São Paulo: SENAC, 1998.



Edições Loyola

Impressão e acabamento

Rua 1822, n.347 • CEP 04216-000

Ipiranga - SP

Tel.: (0xx11) 6914.1922